

**PET Indígena**

31 de maio de 2020 · 🌐



Garcielson, Galibi-Marworno, vive em uma aldeia do Oiapoque onde já há casos confirmados de Covid-10. Segundo ele, "a confirmação do primeiro caso na Aldeia Kumarumã amedrontou todos nós, a comunidade está isolada, não tem muita gente nas ruas... Estamos usando nossos remédios caseiros, nossa cultura, eles nos ajudarão!" Leia, curta, comente e compartilhe. Nos ajude a divulgar! [#OPETNãoPara](#) [#PetIndígena](#) [#CampusBinacional](#) [#Oiapoque](#) [#CLII](#) [#LicenciaturaIndígena](#)

Sou Garcielson Charles dos Santos, do povo Galibi-Marworno, tenho 23 anos, sou indígena da Aldeia Kumarumã, Terra Indígena Uaçá. Sou aluno do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena, Turma de 2020. Antes dessa pandemia tudo estava tranquilo, mesmo sabendo que tinha surgido uma nova doença em um país muito distante do nosso... Mas com a notícia dos primeiros casos confirmados no Brasil, todo mundo ficou em pânico. Nós começamos a ir buscar nossos familiares no Oiapoque e em Saint George, na Guiana Francesa. Depois nossas lideranças proibiram as viagens e não tínhamos como ir até a cidade para comprar mantimentos, mas não dependemos muito da cidade, pois a nossa terra é cheia de fartura. O isolamento dentro da comunidade foi a melhor solução e nos livrou, mas, devido as viagens para o Oiapoque, o vírus acabou chegando em nossa aldeia. A confirmação do primeiro caso na Aldeia Kumarumã amedrontou todos nós, a comunidade está isolada, não tem muita gente nas ruas... Estamos usando nossos remédios caseiros, nossa cultura, eles nos ajudarão! Muitos Galibi-Marworno se mudaram do Kumarumã para seus sítios e para as outras aldeias menores, para se isolar ainda mais. Durante este período de isolamento muitas coisas mudaram, tudo ficou difícil... Eu gosto de passear na minha comunidade, visitar meus primos, conversar com os meus amigos, tomar banho no rio e também ir para a cidade vender nossos produtos, tudo isso fazemos juntos, coletivamente, mas agora não podemos conversar nem trabalhar em grupos, em mutirão, como é a nossa cultura. Isso é muito triste e muito difícil, mas eu permaneço em casa.

Aldeia Kumarumã, 26 de maio de 2020.

Je suis Garcielson Charles dos Santos, habitant du Galibi-Marworno, j'ai 23 ans, je suis un indigène d'Aldeia Kumarumã, Uaçá Terre d'Indigène. Je suis un étudiant en Licence Interculturelle Indigène, promotion 2020. Avant cette pandémie, tout était calme, même si nous savions qu'une nouvelle maladie était apparue dans un pays très éloigné du nôtre ... Mais avec la nouvelle des premiers cas confirmés au Brésil, tout le monde était en panique. Nous commençons à aller chercher nos familles à Oiapoque et Saint George dans la Guyane Française. Par la suite, nos autorités ont interdit les voyages et nous n'avions aucun moyen d'aller en ville pour acheter de l'épicerie, mais nous ne dépendions pas beaucoup de la ville, car notre terre est pleine d'abondance. L'isolement au sein de la communauté était la meilleure solution et nous a sauvés, mais en raison des voyages à Oiapoque, le virus a fini par arriver dans notre village. La confirmation du premier cas à Aldeia Kumarumã nous a tous fait peur, la

communauté est isolée, il n'y a pas beaucoup de gens dans les rues ... Nous utilisons nos remèdes traditionnels, notre culture, ils vont nous aider! De nombreux Galibi-Marworno se sont déplacés de Kumarumã vers leurs endroits et d'autres petits villages, pour s'isoler davantage. Pendant cette période d'isolement, beaucoup de choses ont changé, tout est devenu difficile ... J'aime me promener dans ma communauté, visiter mes cousins, parler avec mes amis, se baigner dans la rivière et aussi aller en ville pour vendre nos produits, nous le faisons tous ensemble, collectivement, mais maintenant nous ne pouvons pas parler ou travailler en groupe, dans des efforts conjoints, comme c'est notre culture. C'est très triste et très difficile, mais je reste à la maison.

Village de Kumarumã, Oiapoque, Amapá, Brésil - 26 mai 2020.

Traduit par Johnson Morancy

I am Gracielson Charles dos Santos, from the Galibi-Marworno people, I am 23 years old, I come from the Kumarumã village, Uaçá Indigenous Land. I am a student of Bachelor degree in Indigenous Intercultural Studies, Class of 2020. Before this pandemic everything was quiet, even though I knew that a new disease had arisen in a country very far away from ours ... But with the news of the first confirmed cases in Brazil, whole country began to panick. We started to bring our family from Oiapoque and Saint George, French Guiana. Afterwards, our leaders forbade to travel and we had no way of going to the city to buy groceries, but we didn't depend on the city much, because our land is full of abundance. Isolation within the community was the best solution and saved us, but due to the trips to Oiapoque, the virus ended up in our village. The confirmation of the first case in the village of Kumarumã scared us all, the community is isolated, there are not many people on the streets ... We are using our home remedies, our culture, they will help us! Many Galibi-Marworno moved from Kumarumã to their farms and other smaller villages, to further isolate themselves. During this period of isolation many things have changed, everything has become difficult ... I like to walk in my community, visit my cousins, talk with my friends, bathe in the river and also go to the city to sell our products, we all do this together, collectively, but now we cannot talk or work in groups, in joint efforts, as is our culture. This is very sad and very difficult, but I remain at home.

Kumarumã Village, Oiapoque, Amapá, Brazil - May 26, 2020.

Translated by Jakub Przychodzeń

Soy Gracielson Charles dos Santos del pueblo Galibi-Marworno, tengo 23 años soy indígena de la Kumarumã, tierra indígena Llaca. Soy alumno de la carrera de Licenciatura Intercultural Indígena del año 2020. Antes de esta pandemia todo estaba tranquilo, aún sabiendo que había surgido una nueva enfermedad, en un país muy distante del nuestro. Pero con la noticia de los primeros casos confirmados en Brasil todo el mundo entró en pánico. Nosotros comenzamos a ir a buscar a nuestros familiares en Oiapoque en San Jorge en la Guiana Francesa. Después nuestros líderes prohibieron los viajes y no teníamos como ir hasta la ciudad para comprar alimentos, pero no dependemos mucho de la ciudad, pues nuestra tierra está llena en abundancia. El aislamiento dentro de la aldea fue la mejor solución y nos libró, pero debido a los viajes al Oiapoque, el virus acabó llegando en nuestra aldea. La confirmación del primer caso en la aldea Kumarumã asustó a todos nosotros. La comunidad está aislada, no hay mucha gente en

la calle. Estamos usando nuestros remedios caseros, nuestra cultura, ella nos ayudará. Muchos de Galibi-Marworno, se mudaron del Kumarumã hacia sus sitios y hacia otras aldeas menores para aislarse aún más.

Durante ese periodo de aislamiento muchas cosas cambiaron, todo se puso difícil. Me gusta pasear en mi comunidad, visitar a mis primos, conversar con mis amigos, tomar un baño en el río y también ir a la ciudad para vender nuestros productos, todo eso lo hacemos juntos, coletivamente, pero ahora no podemos conversar ni trabajar en grupos como es nuestra cultura, eso es muy triste y difícil, pero yo permanezco en casa.


Aldeia Kumarumã, 26 de mayo de 2020.

Traducido por Benjamin Mba Abuy Nfumu



**PET Indígena**

Site educacional

 Enviar mensagem

Page 4

Facebook

[https://www.facebook.com/petindigena.clii?locale=pt\\_BR](https://www.facebook.com/petindigena.clii?locale=pt_BR)

   56

3 comentários 20 compartilhamentos